

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

1

Reflexões sobre a Indisciplina: responsabilidades partilhadas.

Isabel Macedo Pinto Abreu Lima

A indisciplina não é um problema novo. Foi, é, e provavelmente será sempre um problema da escola e das relações entre professores e alunos. É verdade que cada geração tem tendência para percepcionar a época em que vive como a mais dramática e problemática, e no nosso país este é um fenómeno bastante comum. Por outro lado, vivem-se nas nossas escolas tempos particularmente difíceis, os quais, conjugados com uma conjuntura de instabilidade política e com uma crise acentuada de valores, concorrem para que este seja um tema polémico e controverso. Contudo, apesar do muito que se opina, e mau-grado a atenção que políticos, educadores, cientistas das ciências sociais e humanas e outros profissionais lhe têm dedicado, não são evidentes consensos, mas, pelo contrário, o panorama parece vir a agravar-se progressivamente, culminando em situações-limite como as que foram, nos últimos tempos, objecto de atenção por parte dos media. Ambas as situações - o suicídio de um professor, vítima da sua incapacidade para resolver os problemas disciplinares que enfrentava com os seus alunos, perante o aparente alheamento das instâncias directivas da escola, e o suicídio de um jovem, vítima de bullying por parte dos seus condiscípulos, são, no mínimo, sinais de malestar na vida escolar, e na sociedade em geral. A sua gravidade, expressa na perda de vidas humanas, deve, pelo menos, fazer-nos pensar um pouco.

Pensar, antes do mais, que este é um problema de todos nós, e não apenas da escola, dos professores ou dos pais. Diz um antigo ditado índio, que para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira. Esta ideia de comunidade e de missão é tão verdadeira quanto complexa, numa sociedade absorvida e desgastada pelas necessidades de sobrevivência material e onde princípios básicos como o respeito, a entre-ajuda e o direito à educação e à autoridade parecem não ser relevantes.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

2

Pensar, também, no papel que os meios de comunicação têm desempenhado ao exporem pública e despidamente, problemas e situações que deveriam muitas vezes ser resolvidos em privado, beneficiando assim do rigor e da tranquilidade necessários a um julgamento ou tomada de decisão fundamentada e responsável. A visibilidade e o sensacionalismo com que têm sido abordados na praça pública muitos dos problemas que ocorrem nas escolas levam, com grande frequência, à contaminação da opinião pública, o que não permite que a percepção social sobre os problemas seja a mais correcta ou distanciada.

Finalmente, pensar que situações como as referidas não têm uma causa única, mas são o resultado de múltiplos factores, que formam uma teia de tal forma complexa que se torna muito difícil identificar onde começam e onde acabam. Factores de ordem social e política, factores que têm a ver com a vida familiar, com a personalidade dos intervenientes e com a sua história, com as características das escolas e dos alunos que as frequentam, com as práticas pedagógicas dos professores, com a vida das comunidades envolventes. Trata-se de fenómenos complexos para os quais não existem causas simples nem lineares.

Por tudo isto, o problema da indisciplina é algo que nos deve preocupar a todos e onde todos nos deveremos sentir implicados. A escola já não é o apanágio de alguns, mas uma constante da vida de todos nós em geral, e tal como acontece com a família, constitui um contexto primordial de desenvolvimento para qualquer ser humano. Na escola, como na família, a criança cresce e aprende, para o bem, ou para o mal. E, infelizmente, para algumas crianças, tanto a escola como a família poderão ser fonte de enorme sofrimento, deixando marcas difíceis de apagar.

Os acontecimentos vivenciados nos últimos tempos, e a escalada de violência a que temos vindo a assistir através da mediatização dos conflitos, levaram a uma tomada de consciência política sobre a questão, que se corporizou em alguns documentos legais e ao novo Estatuto do Aluno. A necessidade de agilizar certos procedimentos disciplinares, a atribuição à escola de maior autonomia e a definição da moldura penal a aplicar nos casos limites, são sem dúvida esforços meritórios por parte do Ministério da Educação, que podem contribuir para reforçar a autoridade da escola e dos professores em geral. A mediatização tem pelo menos esse efeito positivo, pondo a máquina a funcionar a todo o vapor. Contudo, que se desengane quem pensar que a situação se resolve por decreto, ou porque existe vontade política nos gabinetes e corredores do poder central. A escola não tem nos nossos dias uma tarefa fácil, como reconheceu Fernandes (2007). Educar de forma diferenciada, “massas” de alunos extremamente diversos, pode ser um enorme desafio, como

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

3

o é também o passar de um paradigma de “transmissão “ para um paradigma de “interacção”, assumindo que os alunos podem ter um papel activo na construção do seu próprio conhecimento, sem contudo cair no facilitismo e na demagogia. Por outro lado, é importante colocar o aluno no centro do sistema, centrando nele os projectos educativos e respondendo às suas necessidades de conhecimento, mantendo simultâneamente um nível adequado de exigência no processo de instrução e a qualidade do ensino.

O investimento nos processos instrutivos visando um ensino de qualidade tem que ser acompanhado por um necessário envolvimento dos professores nos seus próprios processos formativos, bem como nas tarefas de gestão escolar. Escola e professores acumulam porém, com grande frequência, um conjunto de tarefas que implicam o desempenho de papéis diversos, para os quais nem sempre estão preparados.

Os problemas de indisciplina são parte dos múltiplos desafios com que os professores se confrontam, e relativamente aos quais existem, frequentemente, ideias pré-concebidas. “A disciplina deveria começar em casa...”; “os alunos são mal-comportados e agressivos porque os pais não os educam”; “ os pais não colaboram com a escola” ; “não há respeito pelos mais velhos...”; “os professores foram desautorizados”. Apesar de poderem corresponder à verdade, estas ideias, tantas vezes repetidas do lado da escola, colocam a tónica do problema nos pais e deixam pouca margem para se poder alterar a situação. Caracterizam também uma postura típica por parte de alguns, a qual corresponde a pensar que as raízes do problema estão algures na sociedade que nos rodeia. Como a sociedade não tem tendência a mudar, os problemas provavelmente não poderão ser resolvidos. Um outro erro evidente, consiste em 3 considerar a autoridade como uma qualidade externa. Na verdade, a autoridade não pode ser imposta do exterior, e nenhuma medida legal, por mais severa que seja, poderá devolver a autoridade a alguém que a perdeu.

Mas também do lado dos pais há queixas e preconceitos. “Os professores não se fazem respeitar...”; “as escolas não têm condições...”; “devia haver mais vigilância...”; “falta autoridade...”. A consequência lógica desta troca de galhardetes é que pais e professores ficam presos numa espécie de jogo do empurra, numa atribuição mútua de culpas que não leva a nada de produtivo, pelo contrário, funciona como uma ratoeira, bloqueando a acção e a colaboração na procura de respostas.

Seria óptimo que existisse uma solução rápida e eficaz, à qual pudéssemos recorrer para resolver os problemas de indisciplina. O ideal seria uma vacina, que inoculasse os alunos contra a doença

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

4

do mau comportamento, resolvendo assim definitivamente, os problemas dos professores e dos pais. Se assim fosse, os alunos seriam vacinados à entrada para a escola, e as salas de aula tornar-se-iam locais tranquilos e agradáveis, onde os alunos, sempre bem dispostos e sossegados, estariam disponíveis para trabalhar e acatar de bom grado as ordens e instruções dos professores. O facto é que as coisas não se passam assim, e não é certamente esta a imagem que a maior parte de nós tem de uma sala de aula. A verdade é que a sala de aula, local por excelência onde os problemas de disciplina se levantam, é um local de grande azáfama, com características muito particulares, que constitui um enorme desafio ao professor.

Uma sala de aula é um espaço limitado, onde estão, por períodos extensos de tempo, um grande grupo de alunos com um professor. De acordo com Doyle (1986, cit. por Shuell, 1996), qualquer sala de aula apresenta características particulares. Uma delas é a multidimensionalidade – muitos acontecimentos ocorrem ao mesmo tempo, o que exige por parte do professor um grande esforço para assegurar a ordem, por um lado, e que os alunos aprendam, por outro. Uma outra característica das salas, é a simultaneidade – os acontecimentos ocorrem em simultâneo e o professor tem que estar atento a situações que muitas vezes se sobrepõem. Por outro lado, o professor tem que ser capaz de agir rápida e eficazmente perante os acontecimentos, os quais nem sempre são aqueles que seriam de esperar. Tal como um árbitro de futebol, o professor tem que tomar decisões rapidamente, sem dispor de muito tempo para pensar, sabendo contudo que se não decidir adequadamente, sofrerá as consequências. Os alunos são uma plateia muito atenta, particularmente nos momentos difíceis, e serão depois os porta-vozes do que acontece na sala para o exterior e para as famílias. Esta visibilidade pode funcionar no bom ou no mau sentido.

A preparação de um professor para o desempenho do seu trabalho nas condições que acabamos de descrever é uma tarefa complexa, não deixando margem para amadorismos. Por isso, um dos aspectos-chave consiste na formação dos professores. Esta tem que incidir, para além dos conteúdos a transmitir e nas estratégias pedagógicas necessárias para tal, num conjunto de competências técnicas que permitam aos professores desenvolver um trabalho proactivo e adoptar uma abordagem positiva, onde a gestão da sala e dos comportamentos são parte integrante. Além deste trabalho, feito directamente com os alunos, o professor tem também que possuir características e conhecer estratégias que permitam um trabalho de qualidade e de verdadeira parceria com os pais e com as comunidades.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

5

Trabalhar proactivamente, significa que, ao nível da sala, se definem regras claras e exequíveis para os alunos; que se monitorizam os comportamentos e se previnem os problemas, agindo antes que eles ocorram; implica ter sentido de humor e saber captar a atenção dos alunos quando é necessário; manter o ritmo das actividades a um nível óptimo; implica também saber gerir o comportamento dos alunos, e organizar o ambiente e os recursos disponíveis por forma a maximizar as oportunidades dos alunos para aprender. Quanto mais ocupados estão os alunos, menos disponibilidade e tempo terão para se envolver em comportamentos inadequados.

Adoptar uma abordagem disciplinar positiva, por seu turno, traduz-se em aspectos como esperar o melhor dos alunos; em desenvolver relações e interacções positivas; em criar uma imagem de credibilidade e de consistência, através da acção; em estar atento às ocasiões em que os alunos manifestam um comportamento adequado e demonstrá-lo de forma adequada; finalmente, mas não menos importante, ser positivo implica modelar o gosto e o entusiasmo pelo trabalho, o que só consegue fazer quem gosta realmente do que faz.

Muito poderia ainda acrescentar-se acerca do trabalho com pais e com a comunidade, concretamente no que se refere à questão da disciplina, apesar de não ser possível fazê-lo sem prolongar demasiadamente esta reflexão, que se pretende sucinta.

O investimento numa sólida formação dos professores é uma peça fundamental no complexo puzzle que os problemas de disciplina levantam às escolas, embora, obviamente, não seja a única resposta. Outros aspectos não podem ser desprezados pelos responsáveis. A existência de psicólogos e outros técnicos especializados ao nível da escola, que forneçam serviços de consultadoria centrados nos problemas, constitui um recurso crucial. Como se referiu, os professores são não raras vezes obrigados a desempenhar outros papéis, desde assistente social, a psicólogo, quando não enfermeiro ou confidente. Esses papeis, que não lhes competem e para os quais não estão preparados, impedem-nos de exercer aquela que é afinal a sua função primordial: ensinar e instruir os alunos, e fazê-lo com prazer e entusiasmo.

Está na altura de todos reflectirmos sobre o que é importante e o que queremos fazer perdurar nas gerações futuras. Autoridade, respeito, competência e tolerância são valores inquestionáveis que não podem depender de processos de negociação e que devem ser compatíveis com os modelos e os paradigmas que vigoram nas nossas escolas.

Está na altura de percebermos que nenhum Ministério ou nenhuma lei irá resolver só por si os problemas, se não arregaçarmos as mangas e para isso contribuírmos também nós próprios.

Ozarfaxinars

e-revista ISSN 1645-9180

Nº 19 Prevenir a violência na Escola - Bullying

6

Há bons exemplos, há bons resultados e boas experiências, que provam que mesmo em circunstâncias adversas, tudo é possível se houver vontade, empenho, gosto e competência.

Referências bibliográficas:

Fernandes, D. (2007). Formação de professores: mudar o centro de gravidade. *Jornal das Letras, Artes e Ideias*, nº 965. Shuell, T. J. (1996). Teaching and learning in a classroom context. In D. Berliner & R. Calfee (Eds.), Handbook of Educational Psychology. N.Y.: MacMillan Library Reference

(*) Professora Auxiliar e Investigadora na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto